



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.3121>

A IDENTIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DE BRASÍLIA MARCADA PELA 2ª PESSOA DO SINGULAR

Cintia PACHECO
Kamilla Stefanny Gouveia de LIMA
Jedidjá Báfica SALES

Resumo: O objetivo é mostrar o uso do TU como um dos traços linguísticos que está se solidificando como marca de identidade local brasiliense. A partir do modelo teórico-metodológico e dos parâmetros da sociolinguística variacionista de LABOV (2008), houve o controle de quatro variáveis sociais – sexo, faixa etária, nível de escolaridade e origem das mães. Por meio do programa Goldvarb-X, foram feitas uma rodada ternária/eneária – da qual foram selecionadas todas as variáveis sociais – e duas rodadas binárias: TU X CÊ – faixa etária e nível de escolaridade – e TU X VOCÊ – origem das mães. A situação histórica e linguística do DF, desde a época da migração dos candangos até o resultado do processo de difusão e focalização dialetal, demonstra que está em crescimento o uso do pronome TU.

Palavras-chave: Pronomes de segunda pessoa do singular; variação e mudança linguística, dialeto de Brasília.

Abstract: The objective is to show “TU” as one of the linguistics traits that is already solidifying as a identity brand among the people in Brasília. Guided by the theoretical-methodological model and in the variational sociolinguistic from LABOV (2008). There were the control of four social variable – gender, age, schooling and the mothers' origin – and two linguistics – syntactic function and the subjects fill. Through the Goldvarb-X program, there were made ternary/eneária – from which ones we selected all the linguistics and social variables – and two binaries: “TU” X “CÊ” - age, schooling, syntactic function and subject fill – and TU X VOCÊ – syntactic function and mothers' origin. the linguistic and historical situation of Federal District since the “candangos” migration time until the result of the diffusion process and the dialectal focus, bring us the growing knowledge of the “TU” pronoun use.

Keywords: singular second person pronouns, variation and linguistic change, Brasília's dialect.

INTRODUÇÃO

No início da construção de Brasília, vieram muitas pessoas de todo o Brasil para trabalhar aqui e ocupar os territórios hoje chamados de cidades satélites. Como a maioria dessas cidades foi povoada por nordestinos, mineiros, goianos e muitos outros candangos que construíram a capital do Brasil, buscamos em cidades como Gama, Taguatinga, Guará e Ceilândia, que são algumas das mais antigas e mais povoadas do Distrito Federal, pessoas que fossem brasilienses e, se possível, filhos de pais brasilienses para contribuir com esta pesquisa, pois, para encontrar a identidade de



Brasília, é preciso “analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala” (TARALLO, 2004, p. 6).

Partindo desse pressuposto, apresentaremos neste artigo pesquisas que comprovem que, ao longo desses 54 anos de convivência e integração pacífica dos povos provenientes de outros estados, Brasília já conseguiu estabelecer certa identidade linguística.

Movidas, então, pela curiosidade e pelo desejo de refutar o estereótipo de que Brasília não tem uma identidade linguística, passamos a observar nossa própria fala, visto que somos nascidas e criadas aqui e, assim, observamos que há diferenças mesmo entre aquelas pessoas de nosso convívio familiar, que podem ser advindas de outros estados brasileiros, em sua grande maioria. Gumperz (1976 *apud* BORTONI, 2011, p. 15) diz que “membros de uma mesma família e de um mesmo grupo de vizinhança poderão exibir diferentes práticas no seu uso linguístico”.

Paralelamente a isso, percebemos que os naturais de Brasília, especialmente na fala menos monitorada entre amigos, fazem referência à segunda pessoa do singular nas seguintes formas: VOCÊ, CÊ e TU. Este último é aqui utilizado sem concordância verbal, já que outra forte característica do vernáculo brasiliense é justamente a neutralização dialetal, ou seja, a forma não marcada a qual camufla o constante uso do TU dando a impressão de que, na verdade, só o VOCÊ é a realidade do padrão conversacional (BORTONI, 2010, p. 119). O pronome OCÊ, marca genuinamente rural e regional (MG e GO), não foi encontrado em nossos dados, uma vez que as entrevistas foram feitas na zona urbana. O pronome SENHOR também não foi produtivo em nossas entrevistas, por ser uma expressão muitíssimo formal, geralmente utilizada numa perspectiva hierárquica, o que se contrapõe ao ambiente informal de menos monitoração das entrevistas tipicamente labovianas¹.

Considerando o exposto, a hipótese geral para este *corpus* é que a fala de quem migrou, na época da construção, ou veio para Brasília quando criança é diferente da fala do brasiliense, sobretudo, dos filhos de pais brasilienses. Sabendo que todos os estados do Brasil possuem um “sotaque”, ou seja, “diferentes formas regionais” (BORTONI, 2011, p. 27) de se falar que trazem à tona uma identidade cultural, é possível identificar de onde uma pessoa vem.

¹ Entrevistas tipicamente labovianas são entrevistas menos monitoradas, em situação informal, para que surja o vernáculo do colaborador.



Dessa forma, assim como os turistas dos demais estados brasileiros chegam a Brasília e rapidamente são identificados por seu dialeto diferenciado, nós, brasilienses, também somos identificados por nosso dialeto em outros estados, mas em uma proporção bem menor. Isso porque ainda estamos consolidando nossa identidade, já que, todavia, passamos por uma fase de neutralização dentro dessa terceira geração de brasilienses. Por conta disso, só se tem 3 estudos variacionistas sobre o nosso dialeto, especificamente sobre o uso de segunda pessoa do singular que aborde o TU, sendo eles de Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010), os quais não são suficientes por não darem conta da variedade brasiliense como um todo, em seus mais diversos níveis linguísticos.

Assim, com o intuito de chegar ao vernáculo de fala do brasiliense e aumentar os estudos variacionistas dos pronomes de segunda pessoa do singular, levantamos um *corpus* composto por 18 pessoas.

O objetivo geral desta pesquisa é mostrar o uso do TU como um dos traços linguísticos que está se solidificando como marca de identidade local brasiliense. Como objetivos específicos, temos:

- a) Distinguir Brasília na Região Centro-Oeste como único lugar que usa o pronome TU;
- b) Ampliar e divulgar os estudos variacionistas de segunda pessoa do singular em Brasília;
- c) Identificar os contexto extralinguísticos que condicionam a variação linguística de segunda pessoa do singular em Brasília;
- d) Analisar se a origem das mães influencia mais no uso do TU brasiliense.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE BRASÍLIA

Primeiramente, é importante enfatizar a diferença existente entre Brasília e Distrito Federal, que é uma dúvida até mesmo de quem mora aqui. Pois bem, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2004, *apud* LUCCA, 2005, p. 28), “o DF é constituído por um único município que é Brasília” e está dividido entre 31 Regiões Administrativas², sendo a RA I Brasília,

² Disponível em http://www.portalbrasil.net/brasil_cidades_brasilia_ras.htm. Acesso em 05 out. 2013.

“a principal por sediar o Governo Federal e Distrital” (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 100). Na época da construção de Brasília, a composição da população, de acordo com o Gráfico 1, era:

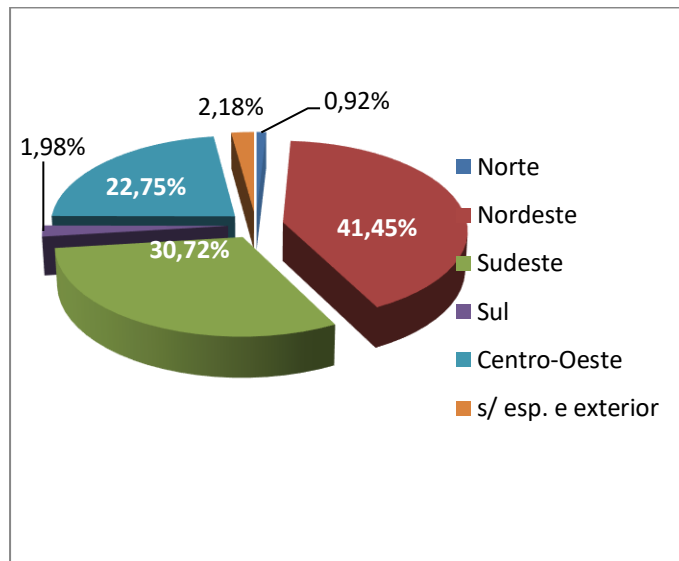


Gráfico 1: Origem da população em 1960 (ANDRADE, 2014).

Os candangos aqui instalados começaram a se misturar, nascendo assim os primeiros brasilienses, os quais herdaram costumes e tradições de seus pais, juntamente com seus sotaques regionais. Nisso, percebemos que houve uma grande concentração de filhos de nordestinos (41,45%), mineiros (incluídos nos 30,72%) e goianos (incluídos nos 22,75%) em Brasília (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 20). Por isso, são poucos os que aqui nasceram e têm os seus pais também nascidos aqui na faixa etária de 18 a 35 anos, que é uma das faixas etárias mais velhas deste *corpus*. No entanto, seus filhos serão brasilienses legítimos.

A cidade reuniu cerca de 100 mil trabalhadores de todas as regiões do país para ter sua concretização em apenas três anos e meio. “Um verdadeiro milagre!”, comenta orgulhoso o arquiteto Oscar Niemeyer. É a “esquina do país”, por onde se encontram e se cruzam todas as culturas, como bem ilustra o arquiteto José Carlos Coutinho, o que demarca assim nossa identidade, nossa maior característica: a diversidade³.

Sobre a origem atual da população, as maiores frequências ainda permanecem com a Região Nordeste (25%), Sudeste (14%) e Centro Oeste (8%), como se pode observar no Gráfico 2, ainda

³ Citação extraída do Documentário *As idades de Brasília* – Instituto Paidéia e Videografia.



que em menor proporção do que na década de 1960, 41%, 30% e 22%, respectivamente, conforme já visualizado no Gráfico 1 (p. 8).

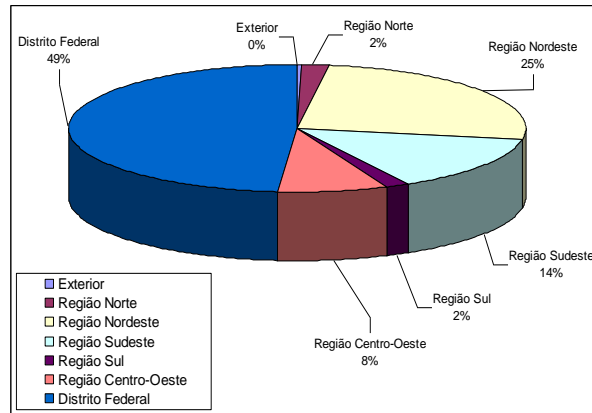


Gráfico 2: Naturalidade da população em 2009 (ANDRADE, 2014).

O fato é que agora já temos quase metade da população genuinamente brasileira e boa parte descendente de pais também brasileiros. Essa nova distribuição influencia a forma de falar das pessoas e a identidade atual brasileira.

2. CONTEXTO LINGUÍSTICO DE BRASÍLIA

Segundo Bortoni-Ricardo (2010, p. 20), a maior parte da população de Brasília “é de residentes que vieram da região Nordeste e da região Centro-Oeste, majoritariamente do estado de Goiás.”, sendo claramente notado nos discursos dos entrevistados. Apesar de nascidos no Distrito Federal, os colaboradores tinham algumas contribuições diatópicas que supostamente adquiriram dos pais, uma vez que a linguagem de uma criança provém sobretudo dos seus responsáveis. Por isso, é importante também estudar a origem dos pais para constatar até que ponto a fala deles influencia na fala dos filhos.

Dentro da presente linha de estudo sobre o uso do TU brasileiro, esse artigo baseia-se em outras três pesquisas que tiveram como ramo de investigação a sociolinguística variacionista: Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010).

Segundo a constatação de Lucca (2005, p. 113-114), o uso do TU é mais favorecido em relações solidárias entre os jovens do gênero masculinos e, por outro lado, as garotas utilizam mais



o pronome VOCÊ. A autora também afirma que os migrantes da Região Nordeste têm muitíssima influência na entrada do TU no repertório linguístico do falar brasileiro.

De acordo com Dias (2007, p. 97), o TU “se ampliou e está passando de uma variante muito especializada [...] para uma variante com usos mais gerais [...]”, mais frequentes em contextos solidários e íntimos, como já apontava Lucca (2005). Assim, está havendo a focalização de um traço marcado no português brasileiro como identidade de fala brasileira em formação (SCHERRE et al, 2011, p. 132).

Para Andrade (2010, p. 116), o TU também se mostrou mais constante nas falas masculinas, destacando-se “em falas originais, em interrogativas, em referência específica, em relações simétricas”. Assim como Lucca (2005), Andrade (2010) constatou que a origem dos pais tem bastante influência na fala de seus filhos.

Scherre et al (2011, p. 117) evidencia que “o *tu* brasileiro integra o subsistema *V/T* (*VOCÊ/TU*), em que, a depender de diversos fatores, o pronome *VOCÊ* pode variar de 30% a 95% ou, inversamente, o pronome *TU*, sempre sem concordância, pode variar de 5% a 70%. [...]”.

3. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O que é a Sociolinguística e qual a sua importância para os estudos científicos da linguagem e para a sociedade? A Sociolinguística ou “(socio)linguística”, como denomina Calvet (2002, p. 9), é “o estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico”, ou seja, ela analisa os fatores sociais e sua relação com a língua. Sua importância se dá justamente no fato de podermos ter ciência de como e do porquê ocorrem as variações em um mesmo contexto de fala.

A língua falada ou o vernáculo, assim como as pessoas, é heterogênea e diversificada, ou seja, a língua varia e muda ao longo do tempo (diacronia) e num mesmo período de tempo (sincronia).

Sabendo disso, a Sociolinguística Variacionista analisa fenômenos linguísticos variáveis, que seriam as variáveis dependentes, e as variantes de cada variável ou fenômeno. Variantes são as várias formas de se dizer a mesma coisa, ou seja, são as diversas opções existentes, como, por exemplo, o TU, o CÊ e o VOCÊ determinando uma única categoria, no caso, a *segunda pessoa do singular* que nada mais é do que a variável dependente, ou seja, o fenômeno estudado, em outras palavras, o pacote/conjunto de variantes (TARALLO, 2004, p. 8). Vejamos o exemplo a seguir:



- a) Num vô ficá perto de TU não né, pra num pegá de novo.
- b) Cara, amor, porque é uma tecnologia barata pra VOCÊ fazê, ma::is ela é uma tecnologia avançada ao mesmo tempo entendeu?
- c) CÊ trabalha ainda não, néh?

Para melhor entendermos este assunto, trabalharemos aqui o conceito de vernáculo que é a fala menos monitorada em estilos mais espontâneos (BAGNO, 2010, p.141), ou seja, é a fonte mais segura para a investigação da língua, já que o falante não presta atenção em como está se comunicando, pois, se ele usar a palavra chuveiro ou ducha, por exemplo, ele estará se referindo ao mesmo objeto pelo qual sai a água para o seu banho.

Ninguém varia à toa ou por acaso, muito pelo contrário, a variação possui regras, pois, segundo Tarallo (2004, p.11), dar preferência a uma variante e não a outra resulta de fatores internos – circunstâncias linguísticas – e externos - circunstâncias sociais: faixa etária e classe social. Portanto a descrição e análise da variação é um dos principais campos de estudo da sociolinguística variacionista (ANDRADE, 2004, p. 32).

Além de todo o exposto, também é importante entender os conceitos de difusão e focalização dialetal. Difusão dialetal, nesse contexto, se dá quando todos os dialetos se encontram em um mesmo ambiente no qual há uma gama de variedades dialetais, fazendo com que os falantes se adaptem e diminuam assim os seus sotaques regionais para focalizar na neutralização ou na não marcação dos mesmos, como provavelmente aconteceu em Brasília desde a década de 60. Já a focalização é quando esses sotaques e dialetos variados são amenizados, ou seja, à medida que as pessoas vão diminuindo o dialeto regional, vão criando um novo para onde vivem, nascendo assim um novo dialeto (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 122, 123). O TU em Brasília seria um desses traços linguísticos de um dialeto cada vez mais focalizado, ou seja, de um dialeto mais marcado. Deste modo temos que:

[...] o DF tornou-se também um laboratório muito especial para o estudo de variedades regionais e socioletais em contato. [...] Um dialeto focalizado é percebido como uma entidade distinta. A difusão dialetal, por outro lado, é o resultado do contato entre variedades, fenômeno associado com a mobilidade demográfica, de natureza regional ou socioeconômica. (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 23).



Tendo como incentivo esses estudos, procurou-se, com nossas gravações e codificações, ratificar o que já foi analisado sobre o TU como forma pronominal no contexto linguístico de Brasília em coexistência com VOCÊ e CÊ a partir de uma abordagem variacionista, com rodadas de variantes eneárias (*tu, você e cê*) e binárias (*tu e você* ou *tu e cê*). As rodadas binárias se fazem necessárias, porque o programa estatístico Goldvab-X⁴ apenas roda pesos relativos com fenômenos de duas variantes.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Foi composto um *corpus* dentro da grande Brasília, com 18 entrevistas, sendo 2 pessoas por células de faixa etária e escolaridade, exceto na primeira faixa de 10 a 14 anos que, pela idade só comporta o ensino fundamental e, por este motivo, foi preenchida com 3 pessoas por célula numa tentativa de equilíbrio da amostra. As entrevistas duraram aproximadamente 30 minutos cada uma, entre homens e mulheres de diferentes idades e escolaridades, como demonstra a Tabela 2.

Quadro 1. Distribuição dos colaboradores segundo faixa etária, gênero e nível de escolaridade

Faixa Etária	Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
10 a 14	3	3	X	X	X	X
15 a 25	1	1	1	1	1	1
26 a 45	1	1	1	1	1	1
Total (18)	5	5	2	2	2	2

As entrevistas foram realizadas em diferentes situações informais e com vários tipos de pessoas, como familiares, conhecidos, mesmo porque o TU provavelmente não costuma aparecer em interações mais formais ou com pouca intimidade. Para conseguir o sucesso nas entrevistas, seria necessário buscar um diálogo o mais informal possível com os participantes, pois, em contextos mais confortáveis os entrevistados se sentiam mais à vontade para falar sobre qualquer assunto. Segundo Tarallo (2004, p. 21), “o propósito do método de entrevista sociolinguística é o

⁴ O GoldVarb X é uma ferramenta metodológica utilizada na Sociolinguística Variacionista para cálculos estatísticos auxiliares na análise de fenômenos linguísticos variáveis.



de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados”. O paradoxo do observador seria justamente a participação direta do pesquisador que pode perturbar a naturalidade da fala, e, portanto, da autenticidade dos resultados.

Após a gravação das entrevistas, foi feita a transcrição, coleta e codificação dos dados para demonstrar em porcentagem e peso relativo o resultado obtido através das dezoito entrevistas. Não seria possível analisar variação linguística sem o uso de tecnologia e por isso utilizamos o programa Goldvarb-X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005) que “é uma ferramenta metodológica utilizada na Sociolinguística Variacionista para cálculos estatísticos auxiliares na análise de fenômenos linguísticos variáveis⁵”.

Para melhor entender essa questão, logo depois de obtido o resultado em porcentagem, é necessário rodar o peso relativo, isso porque o percentual não é tão certo. Segundo Pacheco et al (2014, p. 22), “o peso relativo, ou frequência relativa corrigida, é projetado em função das frequências relativas observadas”. A análise é feita de 0 a 1, sendo que acima de 0,5 o fator é favorável e, abaixo do mesmo, é desfavorável; se o resultado for 0 ou 1, significa que não há variação. (PACHECO et al, 2014, p. 22).

Assim, contabilizamos o fenômeno da segunda pessoa do singular e obtivemos os dados em porcentagens e peso relativo para identificarmos quem utiliza mais essa marca linguística em questão, se homem ou mulher, se jovem, adulto ou criança, se do ensino fundamental, médio ou superior.

5. ANÁLISE DOS DADOS

A distribuição pronominal de segunda pessoa no Brasil é diferente em algumas regiões. Na Figura 1, a cor branca significa que não há pesquisa nessa localidade. Um fato bem interessante é que, na **Região Centro Oeste**, só há a alternância de VOCÊ e CÊ, exceto em Brasília. Na **Região Sudeste**, só há a presença do TU no Rio de Janeiro, uma parte de São Paulo e um ponto em Minas Gerais, mas nessas duas regiões já citadas a frequência maior ainda é de VOCÊ e CÊ. Na **Região Sul**, apenas Paraná não utiliza TU predominantemente, diferente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na **Região Norte**, lugar com menos pesquisas variacionistas, em alguns pontos do

⁵ Disponível em: <<http://geasunb.blogspot.com.br/2010/08/goldvarb-x.html>>. Acesso em: 14 dez. 2013.



Amazonas, Pará e parte do Tocantins prevalecem com o uso do TU. Já Acre e Roraima, ainda que haja também o uso de TU, usam mais VOCÊ e CÊ. Na **Região Nordeste**, a maioria utiliza o TU com maior frequência, exceto em parte do Maranhã e parte da Bahia, onde VOCÊ e CÊ predominam.



Figura 1: Variação VOCÊ, CÊ e TU no Brasil (ANDRADE, 2014).

No Centro-Oeste, mais especificamente em Brasília, os pronomes VOCÊ, CÊ e TU, com a inserção do nosso trabalho, estão distribuídos da seguinte maneira, segundo Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010), na tabela abaixo.

Tabela 1: A variação tu/você/cê no DF.

TRABALHO	TU		VOCÊ		CÊ	
	N	%	N	%	N	%
Lucca (2005)	325/452	72	76/452	17	49/452	11
Dias (2007)	115/900	12,8	785/900	87,2		
Andrade (2010)	288/835	34,5	318/835	38,1	229/835	27,4
Lima, Báfica e Pacheco (2014)	307/1115	27,5	574/1115	51,5	234/1115	21

Os resultados destas três investigações mostram como o TU vem sendo utilizado em alternância com os pronomes VOCÊ e CÊ de forma geral na fala de Brasília. A diferença de porcentagem no uso do TU nas pesquisas de Dias (12,8%) e de Lucca (72%) se dá justamente por conta da constituição do *corpus* de cada uma. Dias (2007, p. 56) distribuiu o *corpus* em faixas etárias de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos, e mais de 30 anos e selecionou três falantes de cada sexo para cada faixa etária, num total de 18 informantes. Lucca (2005, p. 68) selecionou adolescentes



de 15 a 19 anos de idade do gênero masculino que cursam ensino médio em escolas públicas do DF.

Diante dessa realidade no Brasil, a pesquisa foi embasada em uma análise ternária/eneária do fenômeno para a rodada de frequência, ou seja, nossa amostra, há três das variantes do pronome de segunda pessoa do singular – que é nossa variável dependente –, a saber: TU (te, teu, contigo), VOCÊ e CÊ, as quais foram observadas e analisadas. Para a rodada de peso relativo, foi feita uma análise binária entre TU x VOCÊ e TU x CÊ a fim de identificarmos de fato a concorrência do TU contra as outras formas pronominais. Também foram levados em consideração, como forma não marcada, os verbos sem sujeito que acompanham os pronomes em questão pela desinência verbal.

As variáveis sociais codificadas nesta amostra são: gênero: masculino e feminino; faixa etária: infantil, jovem e adulto; nível de escolaridade: fundamental, médio e superior; e origem dos pais. Assim, a hipótese é de que o TU estaria sendo usado mais por homens, majoritariamente por jovens, demarcando o grau de intimidade, e em filhos de nordestinos, principalmente, já que a frequência de TU no nordeste também é grande.

O pronome CÊ, clítico nominativo, é considerado um pronome de *esquiva*. Logo, a pessoa o utiliza quando não quer parecer nem formal e nem informal demais e, assim, passar por despercebida e/ou quando não se sabe como se dirigir a uma determinada pessoa. Por isso, a hipótese é de que esse pronome fosse utilizado por falantes de qualquer idade, sexo e nível de escolaridade. Quanto à origem dos mães, entende-se que a origem materna do nordeste favoreça o TU, tendo em vista a alta produtividade lá também.

O pronome VOCÊ se aplicaria em qualquer nível de escolaridade, idade e sexo, ou seja, os falantes usam-no naturalmente em seu contexto linguístico, independente de outros fatores, porque esta forma é menos marcada, ou seja, sua utilização é mais geral.

A tabelas 2 a seguir mostra os resultados gerais da análise da variação TU/VOCÊ/CÊ.

Tabela 2: A variação do uso do TU/ VOCÊ/ CÊ de acordo com as variáveis sociais

VARIÁVEIS SOCIAIS	FATORES	TU		VOCÊ		CÊ	
		N	%	N	%	N	%
GÊNERO	Feminino	121/583	20,8	323/583	55,4	139/583	23,8
	Masculino	186/532	35	251/532	47,2	95/532	17,9
FAIXA ETÁRIA	10 A 14 anos	26/268	9,7	159/286	59,3	83/268	31
	15 a 25 anos	111/415	26,7	225/415	54,2	79/415	19
	26 a 45 anos	170/432	39,4	190/432	44	72/432	16,7



NÍVEL DE ESCOLARIDADE	E. Fundamental	76/473	16,1	284/473	60	113/473	23,9
	E. Médio	131/191	68,6	54/191	28,3	6/191	3,1
	E. Superior	100/451	22,2	236/451	52,3	115/451	25,5
NATURALIDADE DAS MÃES	MG (1)		4,2				
	Mansidão/BA (1)	4/95	27,6	85/95	89,5	6/95	6,3
	[Desconhecida]	8/29	1,6	18/29	62,1	3/29	10,3
	(5)	2/129	28,4	58/129	45	69/129	53,5
	Gama (3)	92/324	68,4	164/324	50,6	68/324	21
	Faz.	13/19	80,6	4/19	21,1	2/19	10,5
	Varginha/GO (1)	104/129	16,7	25/129	19,4	0/129	0
	Independência/C	4/24	24,6	18/24	75	2/24	8,3
	E (1)	14/57	4,8	37/57	64,9	6/57	10,5
	Bom Jesus/PI (1)	1/21	15,4	13/21	61,9	7/21	33,3
	PE (1)	16/104	24,2	40/104	38,5	48/104	46,2
	Aracaju/SE (1)	37/153	38,6	97/153	63,4	19/153	12,4
	Brasília/DF (1)	12/31		15/31	48,4	4/31	12,9
	Goiânia/GO						
PI (1)							
TOTAL		307/111	27,5	574/111	51,5	234/111	21

Quanto à análise binária entre TU x CÊ, os fatores selecionados pelo programa foram faixa etária, nível de escolaridade, função sintática e preenchimento do sujeito como mostra a tabela 3 a seguir:

Tabela 3: Rodada binária entre TU x CÊ

VARIÁVEIS	FATORES	NÚMERO DE DADOS/TOTAL	FREQUÊNCIA (%)	PESO RELATIVO
Faixa etária	15 a 25 anos	111/190	58,4	0.75
	26 a 45 anos	170/242	70,2	0.50
	10 a 14 anos	26/109	23,9	0.12
Nível de escolaridade	Ensino médio	131/137	95,6	0.95
	Ensino fundamental	76/189	40,2	0.37
	Ensino superior	100/215	46,5	0.18
Total		307/541	56,7	

A faixa etária foi o primeiro fator selecionado pelo programa e os resultados mostram que o uso do TU está mais frequente entre os jovens, com peso relativo de 0.75, o que corrobora a nossa hipótese inicial. Atribuímos o sucesso do resultado ao fato de termos participado da maior parte



das entrevistas, o que originou maior intimidade na coleta dos dados, principalmente nesta faixa, que é a que pertencemos.

O ensino médio, em relação ao nível de escolaridade, foi o que mais favoreceu a utilização do TU, com peso de 0.95, enquanto os ensinos fundamental e superior ficaram com pesos de 0.37 e 0.18, respectivamente. Esse fato retoma e caminha com o resultado anterior, visto que os jovens estão, em sua maioria, no nível médio.

Tabela 4: Rodada binária entre TU x VOCÊ

VARIÁVEIS	FATORES	NÚMERO DE DADOS/TOTAL	FREQUÊNCIA (%)	PESO RELATIVO
Origem das mães	(1) MG	4/89	4,5	0.90
	(1) Mansidão - BA	8/26	30,8	0.51
	(5) NÃO SE SABE	2/60	3,3	0.05
	(3) Gama - DF	92/256	35,9	0.61
	(1) Faz. Vaginha - GO	13/17	76,5	0.91
	(1) Independência - CE	104/129	80,6	0.94
	(1) Bom Jesus - PI	4/22	18,2	0.42
	(1) PE	14/51	27,5	0.30
	(1) Aracajú - SE	1/14	7,1	0.14
	(1) Brasília - DF	16/56	28,6	0.21
	(1) Goiânia - GO	37/97	27,6	0.40
	(1) PI	12/15	44,4	0.76
	Total		307/881	34,8

Legenda: Sudeste Centro- Oeste
Nordeste Não se sabe

A origem das mães também foi bastante significativa. Podemos observar que o informante com maior peso relativo, 0.94, foi o que tanto seu pai quanto sua mãe são advindos da região nordeste, fator este já confirmado nas pesquisas de Lucca (2005) e Andrade (2010) e agora corroborado nesse trabalho.

Em segundo lugar, está o informante cujos pais são da região Centro-Oeste, 0.91, seguido do informante cujos pais são de Minas Gerais, com peso 0.90. Explicamos estes dois resultados com a origem dos próprios informantes, ambos da cidade de Ceilândia, que é a cidade com maior índice de imigrantes nordestinos (LUCCA, 2005).



Em terceiro lugar, fica o informante que tem sua mãe do nordeste e seu pai do sudeste, com peso de 0.76. Em quarto lugar, o informante que tem sua mãe do centro-oeste e seu pai do nordeste, 0.61, seguido do informante que seus pais são ambos do nordeste, 0.51.

Como o programa não selecionou a variável gênero como sendo influente em nenhuma das duas rodadas, acredita-se que isso se dê justamente pelo fato de que tanto homens quanto mulheres estão usando o TU, sem o peso maior de um sexo em detrimento do outro.

Outro fato interessante dessas duas análises é que na primeira rodada as variáveis sociais selecionadas foram faixa etária e nível de escolaridade, enquanto, na segunda rodada, esses fatores são substituídos pela origem das mães.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso *corpus*, abarcamos 1.115 dados totais, o que nos permitiu uma análise bastante significativa do fenômeno estudado. A partir dos resultados obtidos e apresentados anteriormente, além das diversas fontes de pesquisas, as hipóteses em grande medida foram corroboradas e chegou-se às seguintes conclusões quanto ao uso do TU:

- 1) Este pronome é bastante interativo e demarca grande grau de intimidade real e presumida;
- 2) É mais utilizado por jovens, conseqüentemente, é no ensino médio que ele ganha maior força.
- 3) A origem das mães dos informantes influencia grandemente no uso do TU, sendo a região Nordeste (BA, CE, PI), e os estados de MG, GO os mais favoráveis a esse condicionamento social;
- 4) Homens e mulheres estão utilizando o TU em seu repertório linguístico em percentuais bem próximos, por isso essa variável não foi selecionada estatisticamente;

Segundo Loregian-Penkal (2004 *apud* Andrade, 2010, p. 116), o TU é um “pronome legítimo do escopo linguístico brasileiro”, e também, do brasiliense. Quanto ao *você* e ao *cê*, os dois têm um uso mais unânime, despreocupado, sendo o *você* uma forma mais geral, e o *cê* uma forma de esquiva para o falante que não quer demarcar demais com o *TU* ou formal com o *você*.

Nesse sentido, o estudo da referência de segunda pessoa do singular como identidade linguística de Brasília não deve se restringir aos que já existem, pelo contrário, espera-se apenas



ter contribuído um pouco mais com uma futura análise mais aprimorada sobre o acervo linguístico de nossa capital, que é ainda tão jovem.

Em suma, a importância de estudar variação é entender a cultura e a língua de um povo, em outras palavras, é a partir de tal estudo que se chega a identidade de uma comunidade e se sabe o porquê das constantes variações e mudanças linguísticas, visto que estas ocorrem não só por fatores linguísticos, mas também ou, principalmente, sociais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Adriana Lília Vidigal Soares de. **A variação de você, cê e ocê no português brasileiro falado**. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UnB - Universidade de Brasília, 2004.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. **Tu e mais quantos? – A segunda pessoa na fala brasiliense**. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UnB - Universidade de Brasília, 2010.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. **Variation in second person pronoun in Brasilia**. Slides apresentados na disciplina Linguistic Variation, do professor Gregory Guy, da NYU, 2014.
- AS IDADES DE BRASILIA** – Instituto Paidéia e Videografia – documentário.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Brasília: Parábola, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, 1945. **Do campo para cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; VELLASCO, A. M. M. S.; FREITAS, V. A. L.. **O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais**. Brasília: Editora UnB, 2010.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. / Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- DIAS, Edilene Patrícia. **O uso do tu no português brasiliense falado**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UnB - Universidade de Brasília, 2007.
- GUY, Gregory e ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa - instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.



LABOV, William, **Padrões sociolingüísticos** / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UnB - Universidade de Brasília, 2005.

PACHECO, C. S.; ANDRADE, C. Q.; CARDOSO, C. R.. **O uso das tecnologias nas pesquisas sociolingüísticas**. Brasília: UCB, 2014 (no prelo).

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; LUCCA, N. N. G.; ANDRADE, A. L. V. **S. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense**. Brasília: UnB, 2011.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.